



TÃO FAMOSO

Jaison Muniz



Com os olhos fixos ao longe o homem olhava, através da grande janela de metal enferrujado, um céu quase monocromático pintado em suaves transições de cinza escuro e branco. Em mais uma monótona tarde de inverno, a dança sincronizada dos eucaliptos lá fora, ora pendendo para um lado ora pro outro, prenunciavam mais dias de tempo fechado.

Acomodado na pequena sala de estar, com seus móveis de madeira mal cuidados, estava em sua cadeira de rodas há quase três horas sentindo bater no rosto o vento gelado que entrava pela fresta quebrada no canto superior do janelão. Esse sopro de ar constante lhe torturava a pele desidratada e a face rígida. Inerte e sem defesa ficava, pois não havia alternativa senão apenas senti-lo e sofrê-lo. Era certo que sofreria, com os pés gelados dentro das velhas meias surradas, mais algumas semanas. Talvez fosse este o seu purgatório - viver na lentidão doída e fria de um tempo que não tem pressa em passar. Mais parece três anos, três décadas, três vidas, do que miseráveis três horas.

E assim, dia após dia, há seis meses, sua existência se passava naquele lugar, naquele ambiente. Sem falar, nem reclamar ou chorar. Sentado, cansado, anestesiado, enjoado, mijado, faminto, entristecido, friolento, esquecido.



Quando foi para o asilo já estava dependente de todos pra tudo. A família fez o que pôde durante 3 anos e meio na esperança de vê-lo levantar-se e seguir a sua vida. Mas aos poucos a situação foi se tornando um fardo difícil de carregar. A esposa e os filhos queriam viver.

Ali ele estava como haveria de continuar. Se pudesse, levantar-se-ia naquele momento. Pegaria nas mãos o primeiro objeto que encontrasse e comporia melodia e rima. Foi músico, foi cantor. Dos seus agora 61 anos, um pouco mais de 40 foram dedicados à vida de artista. Então, se conseguisse, cantaria e seus males espantaria.

Mas bem no fim estava sendo preciso aceitar a situação. Dali não mais levantaria. Talvez por um milagre, sim. Mas o merecimento de uma graça não foi algo com que agora pudesse contar. Sempre soube disso. Preferiu em todos os seus melhores dias as bênçãos que satisfizessem o ego. Já para a alma, sobravam as migalhas. Mas também não ligava pra isso.

Há uns quatro anos fez aquela que seria, sem saber, a sua última apresentação. Fez festa. Tinha cantado, dançado, rido, traído, cheirado. Tinha sido divertido. Não como era no início sem vício, mas tinha sido. Só que depois, dois dias depois... enquanto



ainda tinha um leve entendimento da situação, descobriu-se numa cama de hospital. Estava preso dentro de um corpo débil, mudo e melancólico.

Das tantas pessoas que outrora lhe rodeavam e lhe queriam bem, agora só restavam aqueles que viam nele a obrigação e o dever. Não há tratamento diferenciado nem mãos suaves. São tantos para cuidar que os poucos funcionários da casa têm de dar conta do que é realmente necessário e só. Vez ou outra alguém de fora aparece pra ajudar, mas se vão tão rápido quanto chegam para as vezes nunca mais voltar.

Quando uma das cuidadoras do asilo surgiu à porta, o artista Jhon Hunter sabia que teria visita. Mas pelas sequelas do AVC a única reação que pode expressar não era muito diferente da de uma pedra. Esse era o Euclides Nascimento Oliveira, e não o outro.

A cuidadora o levou em sua cadeira de rodas para a sala de recreação onde aconteciam também as visitas. E que escolha teria mesmo se não quisesse ir? Não andava, não falava, não cantava. Mas naquele dia teria visita.

Uma moça surgiu pela porta lateral. A visitante, num bloqueio repentino de quem encontra o que não procurava,



semicerrou os olhos. Não reconheceu naquele senhor triste, deixado à sua espera, algo que a lembrasse o artista que foi. Nem fama, reconhecimento ou influência. Só mais um desventurado.

A jovem foi em sua direção. Euclides jamais a viu. E Paula — a visitante morena de 1,80 de altura, cabelos lisos compridos, cheirando à Glamour Myriad — também não conhecia Euclides. O famoso, sim — dos palcos, da televisão, dos CDs, DVDs. Lembrou-se das vezes que sempre de longe, sem nunca se aproximar, via-o rodeado de mulheres, de homens que o invejavam, da bajulação. Lembra-se das noitadas, das luzes, dos palcos, dos refrões, melodia, voz.

Mas ali, naquele traje de um ser abandonado e esquecido, não via vestígio do homem que um dia já foi. Ajoelhou-se à sua frente. As mãos suavam e tremiam. Começou a sentir raiva. Mas a raiva era do outro cara, do famoso. Queria gritar, xingar. Mas conteve-se. Iria descarregar suas raivas, numa luta injusta e covarde, em Euclides, o pobre miserável e indefeso que estava à sua frente. O tempo não voltaria mais. Que diferença faria?

— Só me pergunto por que não poderia ter sido diferente?
— Falou baixinho. — Não pra mim, mas pra você mesmo. Minha mãe me contou que não existiu amor, apenas um momento. Então



não o culpo também. Eu só sentia que mesmo assim precisava conhecê-lo. Se não se importa, aqui estou. Prazer, pai!

O asilado, com sua cabeça mole e o corpo esquelético amarrado à cadeira, continuava da forma que tinha sido deixado – rígido na direção dela com os mesmos tristes e fundos olhos. Não tinha reação porque não conseguia. Se conseguisse, choraria. Por ela e por muitas outras coisas.

Lembrou de tantas Paulas que poderiam estar por aí. Lembrou-se da mulher com quem trocou aliança. Dos filhos com seu sobrenome na certidão. Mas entre tudo isso e a deliciosa vida de artista, preferiu essa última.

Paula daqui a pouco se vai como todos se foram. Euclides continuará ali. Todo torto, quase que um completo morto.

E que escolha tem? Já teve... agora, nenhuma!